ANNO 8.º — Sexta-feira, 23 de Julho de 1915 — NUMERO 380

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

DIRECTOR E EDITOR
Arnaldo Ribeiro

— (•) —

Propriedade da Empresa

Oficina de composição, Rua Direita — Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luiz de Camões—AVEIRO

Redacção e Administração, Rua Direita, n.º 54

(AVENÇA)

A intervenção de Portugal na guerra europeia

Um dos mais relevantes serviços que o Partido Republicano Português tem prestado ao país consiste na sua constante propaganda em favor da nossa intervenção no conflito que, presentemente, dilacera a Europa, e não apenas em favor da intervenção platonica, disfarçada, como que envergonhada, mas pela intervenção franca e dessassombrada, que nos coloque, em todos os campos, ao lado das nações que lutam pela liberdade do genero humano.

Contra esta nobre atitude do Partido Republicano Português tem sido movida persistente e furiosa guerra, que, manifestando-se a principio apenas por campanhas de má lingua e campanhas jornalisticas, se traduzia, por fim, em factos bem mais concretos e gràves, taes como a revolta de Mafra, em 20 de outubro de 1914, e a suja ditadura pimentista.

Os factores nacionaes de retrocesso—clericalismo e talassaria—entendidos com a reacção europeia, que tem o seu foco principal na Austria e na Alemanha, sendo ali a visinha Espanha apenas uma simples sucursal, levantaram, incitados pela intriga a pelo oiro germanico, quantos obstaculos lhes foi possivel á comparticipação de Portugal na guerra.

E não foi isto caso unico na historia do presente conflito internacional, mas, sim, um caso particular dum vasto plano geral.

Que assim é demonstram-no as revoltas de marca alemã que, depois de agosto de 1914, estalaram no Transwal, na India inglêsa e na Tripolitana e o que se tem passado em várias nações que ainda se conservam neutras, sobretudo na Grecia.

Depois de prolongada e tenaz luta, que teve episodios sangrentos, como a revolta de Mafra e a revolução de 14 de Maio ultimo, saíu, queremos crêr que definitivamente, o Partido Republicano Português, auxiliado por quantos prezam a dignidade nacional e o bom nome de Portugal, vencedor de todos os tramas, embustes e ciladas dos seus adversarios.

Em vista disso, afigura-se-nos que deve estar proxima a nossa intervenção armada no conflito europeu, ao lado da França, da Inglaterra, da Italia, de todas as nações que pelejam pela libertação do mundo da escravidão sob que sonhara algemal-o a fantasia perversa do militarismo prussiano. E' essa intervenção uma, posto que dolorosa, insofismavel necessidade.

Temos que honrar velhos pactos de aliança, muitas vezes seculares, que são a garantia da conservação do nosso imperio colonial e da independencia da metropole.

Temos que ajudar a abater a feroz aguia germanica, que, vencedora, nos votaria ao exterminio, retalhando-nos Moçambique, tomando-nos Angola e dando o continente, como recompensa de jesuiticas neutralidades, a ambiciosos visinhos nossos.

E, acima dos interesses materiaes, que, como se vê, claramente nos apontam o caminho a seguir, ha os eternos principios do Direito, as normas da Justiça, que egualmente para ele nos propelem.

A Alemanha, berço de tão altos pensadores, patria de tantos genios que a encheram de gloria no campo das sciencias, das artes e das letras, cobriu-se de vergonha pelo modo infame como na presente guerra tem procedido. Ressuscitando, em pleno seculo XX, os horrores das invasões mongolicas, chamou sobre si um oprobio eterno.

Perante o desenrolar das façanhas do militarismo germanico, perante aquele ininterrupto catadupar de ignominias, explicaveis em cafres, mas incriveis e intoleraveis num povo civilisado, o espirito mais endurecido pasma, tremulo de espanto e indignação!

Tratados impudicamente violados; a Belgica e o Luxemburgo invadidos; Louvain incendiada; a catedral de Reims sistematicamente derrocada a tiros de canhão; massacres de feridos e de milhares e milhares de civis indefesos; gazes asfixiantes; torpedeamento de navios de comercio sem previo aviso; bombardeamento, por aeroplanos e dirigiveis, ou pela artilheria, de cidades não fortificadas; envenenamento de rios e de poços; uso de balas explosivas; estupros e assassinatos!

Que lugubre desfilar de infamias!

Com mais razão que Victor Hugo, que, numa das mais tragicas passagens do seu formidavel *Les Chatiments*, nauseado de revolver as vilezas do sujo imperio de Napoleão III, se suspende, bradando *O' Dante Aligieri!*, tambem nós, ante as torpezas sem nome do militarismo germanico na presente guerra, sentimos como que uma imperiosa necessidade de apelar para o portentoso sonhador florentino.

Só ele, habituado a fantasiar e descrever os horrores do Inferno catolico, poderia encontrar palavras para narrar e estigmatisar os feitos canibalescos das novas hordas mongolicas de sua magestade o imperador da Alemanha!

Deste modo, a atual guerra, posto que tenha, como quasi todas as acções do pratico habitante deste utilitario planeta, um fundo de rivalidade comercial, é, acima de tudo, uma luta entre a Força e o Direito, entre a Liberdade e a tirania monarquico-clerical, entre o principio das nacionalidades e as absurdas aspirações pan-germanistas.

Sendo assim, como poderá Portugal hesitar em tomar parte no duelo, pondo-se ao lado dos que combatem pela Liberdade, pelo Direito e pela independencia dos povos?

Bem sabemos que a guerra é uma coisa triste, cruel, odiosa mesmo. Mas, no atual estadío da civilisação, só sobrevivem os povos que a não temem e que néla se lançam quando as necessidades da sua conservação lh'a impõem.

Assim procedeu ante-ontem o Transwal, assim procedeu ontem a heroica Belgica, assim está procedendo hoje a gloriosa Servia e assim procederá ámanhã, se alguem tentar violar-lhe o territorio, a pacifica e ponderada Suissa.

Povo que pela causa sagrada da sua independencia não esteja disposto a fazer todos os sacrificios, incluindo o da vida dos seus melhores filhos, não é digno de viver e não viverá.

Ora, por mais degenerada que, á força de aturar jesuitas, frádes, inquisições e Braganças cobardes, esteja a raça luzitana, não queremos crêr que Portugal, velho heroe de mil batalhas pelejadas em todos os mares e continentes do mundo, tenha entrado em tal decadencia senil que trema de pavor ante a idéa de pelejar mais uma, embora contra os soldados da primeira potencia militar contemporanea.

Tambem, em principios do seculo XIX, a França era a primeira nação guerreira da terra. Os seus exercitos, até ali quasi invenciveis, tinham esmagado a Prussia, avassalado a Espanha e a Italia, esfacelado a Austria, paralisado a Russia. O imperio francez ia de Roma a Hamburgo. Um aceno de Napoleão I, que destronava reis e dava corôas, era uma ordem. E o dispota omnipotente julgava realisadas as suas aspirações de dominio universal.

Só a Inglaterra, isolada nas suas ilhas, ousava resistir-lhe. O resto da Europa era ou vassalos submissos, ou inimigos a quem o terror obrigava o simular de amigos.

E todavia Portugal não tremeu. Revoltou-se e, auxiliado pela Inglaterra, repeliu os exercitos napoleonicos e contribuiu, levando as suas armas até ao sul da França, numa encarniçada guerra de cinco anos, para a derrota do opressor da Europa.

Pois bem. O homem que hoje aspira ao papel de dominador da Europa pouco se parece com Napoleão I.

Napoleão era um desses formidaveis genios da guerra, como Anibal, Cézar, Alexandre Magno, Tamerlão, Albuquerque e poucos mais.

Guilherme II será, quando muito, a caricatuta de Napoleão I. E Portugal, que não temeu lançar-se na luta de vida ou de morte contra o corso genial, hade tremer agora perante este imperador parlapatão, mero general de gabinete, que parece destinado a ser o coveiro da grandêsa da Alemanha?

Pensâmos que tal vergonha se não dará e que em bréve Portugal enfileirará ao lado das nações que combatem o despotismo germanico.

Assim o ordenam os nossos mais vítaes interesses, a observancia de velhos pactos internacionaes e o respeito das nossas gloriosas tradições nacionaes.

M. de E.

DR. AFONSO COSTA

São cada vez mais animadoras as noticias que da capital chegam sobre a doença do chefe do partido democratico, que dentro em pouco deverá entrar em franca convalescença. O sr. dr. Afonso Costa já se levanta e alimenta regularmente, tratando os medicos de prepararem a sua saída do hospital visto os desejos manifestados pelo ilustre enfermo em ir para casa.

A inteirar-se do seu estado continuam a afluir diariamente ao hospital grande numero de pessoas de todas as classes sociaes que retiram satisfeitas com as informações recebidas e constatadas nos boletins medicos afixados durante o dia.

Sincéramente nos congratulâmos com o bréve e completo restabelecimento do glorioso estadista.

CONFLITO

Entre o academico da 5.ª classe Francisco de Castro Côrte-Real e o professor do liceu, sr. dr. Elias Pereira, deu-se na quarta-feira de tarde um ligeiro conflito a que várias pessoas puzéram côbro, não tendo consequencias de maior.

Films . . .

Camara dos deputados, sessão de 15 do corrente.

O sr. conego José Maria Gomes *insurge-se contra as palavras dum orador, referentes ao general Pimenta de Castro, que o sumario das sessões inseriu.*

As palavras que tanto assanharam o sr. deputado conego foram a frase *pimenta da India*, proferida a respeito do mentecapto ex-ditador pelo sr. Ribeira Brava.

E o sr. conego, convicto e irado, declara *que tem vergonha que aquela expressão esteja ali, porque Pimenta de Castro é um vencido e perante os vencidos abaixam-se as armas.*

O' sr. conego: olhe que tambem o João Brandão foi, por fim, um vencido e não consta que, depois da sua derrota, os contemporaneos e os vindouros se tenham abstido de o classificar condignamente. E olhe que o João Brandão foi o causador de muito menos mortes que o seu querido Pimenta.

Assim é

Lemos algures que o odio ao *talassa* tem sido prégado com imoderada violencia e com sinistra tenacidade.

E de *talassa* teem sido classificados, por antigos *talassas* ardendo hoje na febre delirante dos conversos, aqueles mesmos que á Republica teem dado, ininterrupta e inquebrantavelmente, o melhor do seu esforço, e pela Republica eram já, nos tempos distantes e adversos, em que os seus acusadores de hoje serviam com docilidade e baixêsa o velho regimen—acrescenta o articulista.

Fala bem. E com tanta propriedade se exprime que apostâmos dobrado contra singélo em como *Bichêsa* discorda que isto se diga.

Porquê, ele lá sabe...

Esperanças

Tem-nas ainda numa restauração monarquica o conspirador Azevedo Coutinho, que numa carta inserta nos jornaes alfacinhas, rebatendo umas afirmações do sr. Leote do Rego, escreve estes disparates:

> . . . .
> Pelos seus sacrificios, pelos seus sofrimentos, pela sua nobre fé, pela sua lealdade, *eu creio firmemente* na *restauração monarquica* e creio na remissão e grandeza da nossa pobre Patria pela *monarquia.*

Coitado. Nem o 14 de Maio lhe fez abrir os olhos...

Que cegueira tão compléta...

Ao largo

Veio no *Diario do Govêrno* o decreto demitindo, de harmonia com as disposições regulamentares, o amanuense da direcção geral de estatistica, na disponibilidade, José Maria da Cruz Moreira, mais conhecido pelo *Caracoles*, e que a respeito de trabalho nunca soube senão escrever larachas, com que a talassaria se vai deleitando, já que a não deixam entreter-se com os cofres da nação...

Aguentar e cára alegre, *Caracoles*. Para não aumentar o numero dos *ridiculos* que choram pela mama...

Crise?

Correram esta semana boatos de crise chegando a propalar-se que iría sobraçar a pasta da guerra o sr. Barbosa de Magalhães, ministro de pouca dura num dos govêrnos transactos.

Quem quer que inventou o boato póde marcar duas... á prêta porque teve espirito. Fez rir a bom rir muita gente do *novo general*...

ADMINISTRADOR DE ESTARREJA

Exonerou-se deste cargo para o desempenho do qual havia sido solicitado pelo ex-governador civil do distrito, sr. dr. Lopes Fidalgo, o director do *Democrata*, que, por ocasião da sua retirada, enviou aos nossos colégas *Jornal de Estarreja* e *Concelho de Estarreja* a carta cuja reprodução segue:

Ex.mo Sr. Redactor

Tendo, por força das circunstancias, de retirar désta terra onde, durante 38 dias, apenas, exerci, a instancias do sr. governador civil, dr. Lopes Fidalgo, o cargo de administrador do concelho, é do meu dever apresentar a V, Ex.ª as minhas despedidas e ao mesmo tempo agradecer a excessiva benevolencia e carinho com que fui tratado, desde a minha entrada aqui, nas colunas do jornal que tão distintamente redige.

Ao deixar Estarreja, porém, eu não posso nem devo faze-lo sem que, aos que me honraram com as suas deferencias e amizade, e, em geral, aos meus administrados, diga, duma maneira clara, o motivo porque o faço.

Vim para aqui numas condições especialissimas. Os republicanos désta terra, entusiasmados com a vitoria da revolução constitucional de Lisboa de tal modo se quizéram associar ao movimento, que não encontraram outra maneira de se destacarem senão destituindo uma câmara, que fôra legitimamente eleita pelo povo, para, em vez déla, colocar apaniguados seus, em comissão, tal como dias atraz havia procedido o govêrno Pimenta de Castro e por virtude do que se levou a efeito a insurreição de 14 de Maio. O sr. dr. Lopes Fidalgo, chamado a colocar-se á frente do distrito, inteirando-se do sucedido, entendeu, e bem, que tal acto politico não se coadunava com os intuitos dos revolucionarios, pelo que me solicitou a vinda para esta terra afim de repôr nos seus logares, imediatamente, tudo quanto havia sido alterado. Acedi, não sem primeiro vir junto do sr. Francisco de Moura de Almeida Eça, com quem quiz ter essa atenção, visto ser o unico republicano antigo existente néstas paragens, participar-lhe o que se estava passando e ao mesmo tempo inteirar-me do modo como sería recebido, o que tudo combinei com o sr. governador civil, então. E porque dificuldade alguma surgisse, vim tomar posse da administração concelhía no dia 9 de Junho depois da qual logo se reuniu, como de direito, a comissão executiva do municipio, que violentamente havia sido esbulhada do seu logar, recebendo nèssa ocasião e após os cumprimentos do estilo, os primeiros pedidos que consistiram, da parte dos republicanos, em demitir o oficial de deligencias da administração, nomear para o substituir um correligionario, que logo me indicaram, e preencher a vaga de 2.º amanuense, tambem da administração, para a qual lembravam egualmente cérto individuo.

Pedidos de interesse publico, pedidos que envolvessem utilidade quer para o regimen quer para a região, está-se a vêr, nenhum.

A tudo respondi invariavelmente que só depois de me certificar da conveniencia déssas medidas procedería. E assim fiz. Relativamente á substituição do primeiro empregado recuzei-me desde logo a faze-la, posto que mo indicassem como inimigo das instituições—pobre diabo!—enquanto não ouvisse sobre o caso o sr. governador do distrito. Ao candidato proposto para o outro lugar, e que se me apresentou no fim do mez preterito a instar pela sua nomeação, fiz-lhe vêr que o pessoal da repartição era suficiente para o serviço, não me sendo licito portanto sobrecarregar o municipio com mais outra verba de despêsa além das que já possue.

Posta a questão neste pé, aguardei a chegada do sr. governador civil, de Lisboa, falei-lhe no assunto de que ele já tinha conhecimento, ouvi as suas instruções e quando me dispunha a cumpri-las eis que um feliz acaso rasga o véu envolvente duma trama urdida pelo elemento republicano democratico contra a minha permanencia á frente da administração deste concelho, servindo-lhe de base o facto de ainda não estar substituido o oficial de deligencias! Claro que desde logo exigi explicações, vindo por elas a inteirar-me do fim que tinham em vista os dirigentes locaes da politica radical: promover, com efeito, a minha saída sem delongas, apenas os seus desejos estivéssem satisfeitos. Mas enganaram-se. O diabo tem uma manta que cobre, dizem, e outra que descobre e assim pude, a tempo, escapar á traição, á manifesta deslealdade usada para com quem tão leal, franco e delicado havia sido.

Queremos isto, faça, execute e vá-se embora!

Que papel tão deprimente—o de algoz—que os republicanos de Estarreja se enfeitavam para me distribuir!

Não se lembraram, porém, esses *luminares*, tal a sua falta de compreensão das coisas, de que para *testa de ferro* não tenho aptidões e para serventuario de quem quer que seja me faltam aqueles requesitos que já teem feito a felicidade de muito fiel patife... Por isso me recusei terminantemente a desempenhar o mandato de que estava incumbido desde que me não fosse garantida uma cérta estabilidade destinada a assumir todas as responsabilidades que me pudéssem caber, principalmente na degola do *terrivel* inimigo das instituições, que me era imposta a cada momento, e de quanto me custava a pô-la em prática di-lo a minha consciencia, que me obrigou a emitir, esgotadas todas as outras razões, esta opinião: os exemplos devem vir de cima, com motivo justificado, e nunca partirem de baixo, para que não sejam só atingidos os desgraçados, os inofensivos.

Mas, sr. redactor, agora reparo que tenho abusado algo da sua bondade, e que nada me autorisa a massa-lo, tomando-lhe espaço e tempo com um assunto que, se me interessa a mim, póde muito bem ser que não interesse a mais ninguem. Termino, por conseguinte, renovando os meus sentimentos de gratidão a quantos me dispensaram de alguma sorte o favor da sua simpatía, visto o caso estar suficientemente esclarecido, e oferecendo a todos o meu limitadissimo prestimo em Aveiro, permita que, com toda a consideração, me subscreva,

De V. Ex.ª

At.º venrador e ob.º

Estarreja, 17 de Julho de 1915.

Arnaldo Ribeiro

Bem aclarado nésta carta o motivo que levou Arnaldo Ribeiro a romper com o grupo de creaturas que dele se queriam servir apenas como instrumento de vingança, á falta de coragem para pôrem em prática os seus projectos, nada mais, por hoje, preten-

demos dizer senão que temos fixo o olhar na nova autoridade estarrejense a vêr quando realisa a *obra de saneamento* imposta ao seu antecessor e que já tarda, para quem tanta pressa tinha..

Vá, srs., ao menos mostrem que não são *talassas* como o nosso director.

A bandeira do Asilo-Escola

Ha um ano que, como noticiámos, um grande numero de exeducandos do Asilo-Escola compareceu na sua séde e resolveu colisar-se para oferecer aos atuais asilados uma bandeira que, demonstrando o seu reconhecimento áquela instituição, obra benemerita do ilustre aveirense dr. Barbosa de Magalhães, incutisse a todos, quando desfraldada, o sentimento de simpatia que tais instituições a todos merecem.

Vai ter em breve a sua realisação aquele empreendimento dos simpaticos rapazes, pois a bandeira, que em breves dias estará concluida, expôr-se-á em casa do snr. Pompeu da Costa Pereira, e aí terão todos os aveirenses amigos da arte, ocasião de admirar quanto póde o saber e habilidade de duas senhoras da nossa terra. Referimo-nos á ex.ma snr.a D. Otilia Loureiro e sua ex.ma irmã, que puzeram naquele trabalho todo o seu empenho de eximias artistas. E são-no realmente; não se encontraria em parte alguma quem, com mais competencia, executasse aquele primor de arte.

O desenho, inspiração feliz do distinto professor Silva Rocha, é todo executado a matiz sobre sêda branca e simbolisa as artes e as letras em bem delineado conjunto com as armas da cidade de Aveiro, com ramos de louro e de carvalho tudo assente sobre um sol poente donde irradia a luz para a qual devemos caminhar.

A comissão dos ofertantes resolveu que a festa se faça no domingo, 22 de agosto, e, para honrarem esse acto, convidar um representante do fundador do Asilo e todos os atuais membros da Junta Geral do Distrito, autoridades e outros funcionarios, etc., fazendo-se uma sessão solene, talvez, no edificio da dita Junta Geral, percorrendo em seguida os alunos do Asilo a cidade, com a sua bandeira, até á sua residencia, ficando exposto o Asilo durante esse dia e havendo ainda outras manifestações de regosijo que, oportunamente, se anunciarão.

O Democrata *é o jornal de maior tiragem e circulação e* **mais barato** *que se publica na séde do distrito de Aveiro.*

A' carga

Numa reunião de republicanos que aí se efectuou esta semana com a assistencia do *Bichêsa, Flautas & C.a*, debateu-se de novo, dizem-nos, a ideia da nossa irradiação (!) da Republica, apresentando-se argumentos de tal naturêsa estranhos que deixaram perplexa a assembleia no meio da qual foram reproduzidos.

Arrangem lá isso, que nós esperâmos resignados... Mas depressa por causa do sofrimento, sim?

Barbaros!...

"O CARREGAL"

Principiou a publicar-se no dia 15 um novo jornal assim intitulado, orgão do Partido Republicano Português em Carregal do Sal. Dirige-o o sr. Albertino de Moraes e promete defender as regalias do concelho ao mesmo tempo que se esforçará por auxiliar o partido democratico quanto em suas forças caiba.

Muitas prosperidades.

CARTA DUM EXPEDICIONARIO

Mossamedes, 30 de junho

O que muitas vezes ha de menos, hoje ha de mais. Estão ancorados nada menos de seis vapores, que se cruzam com rumos opostos—uns para o norte, outros para o sul. Aqueles, porém, anunciam com tão pouca demora as suas partidas que mal me chegará o tempo para escrever duas palavras ás pessoas queridas e distantes e honrar-me com a remessa destas ao *Democrata*, tão transigente e benigno para mim.

A deficiencia de pessoal na repartição do correio está dando logar a demoras excepcionalmente prejudiciaes a quantos dela precisam, agravado tudo com uma morosidade unica que mais as sacrifica e avulta na manipulação e escrituração das correspondencias.

Uma carta registada é recebida *apenas* tres e ás vezes quatro dias após a sua vinda, tendo-me sido entregue uma encomenda *sómente* com a demora de vinte, depois da sua chegada aqui!

Como se compreende, taes demoras são prejudicialissimas e muito bom seria evita-las por qualquer processo.

Tenho aqui sido muito obsequiado pelo sr. Antonio Pinto de Miranda e familia, que para todos os filhos dessa cidade, que se aproximem, ele tem as mais penhorantes provas de protecção e amizade.

Trabalhador, honésto, o sr. Miranda, conquistou pelo esforço do seu trabalho a situação desafogada e próspera que aqui ufrue, sendo pelo seu caracter e qualidades geralmente estimado e muitissimo querido.

A sua simpatia pelos conterraneos vem de longe e raro tem sido aquele que, conhecido como tal, não tenha recebido as mais cativantes provas de estima e de afago verdadeiramente paternaes.

Aqui consignâmos o nosso profundo reconhecimento pelo avultado quinhão que de hospitalidade e carinho temos recebido do honrado cidadão.

Sabemos que estão bons os aveirenses Joaquim Camilo e Antonio Pinto, este atualmente *chauffeur* e bem remunerado, estando resolvido a prolongar a sua estada aqui, até que as circunstancias lhe permitam voltar ao abrigo de uma situação desafogada e de fórma a coloca-lo no bem conceito de todos os seus conterraneos com o formal esquecimento de algum pecado velho...

Chegou ha dias, vindo do interior, num estado verdadeiramente deploravel de manifesta alienação mental, o sargento Domingos Martins Pereira, de cavalaria 8, que daí veiu e aí passou bastante tempo.

Comoveu-me imensamente observar o seu estado que impõe a saída imediata para onde possa ser devidamente tratado, devendo para isso seguir muito brévemente para Portugal.

Por promoção a tenente coronel deixou o comando do batalhão de infanteria 18 o sr. major Mourão, vindo substitui-lo o sr. major Salgado, que no 24 de infanteria foi promovido para este posto e colocado em Vizeu.

Os restos do batalhão de infanteria 14 e da bateria de artilharia 3 foram dissolvidos não só pela redução das suas praças como ainda pela doença de quantos compunham esses resumidos efectivos, absolutamente impossibilitados de prestarem qualquer serviço. Estas praças seguem quasi na sua totalidade para Portugal, num deproravel estado sanitario. Veem do interior e narram comovedoras inclemencias e privações que por lá sofreram.

Corre com insistencia o boato que os alemães atravessaram a fronteira em frente de Cuangar, onde estão em grupos numerosos com as suas familias, dizendo-se mais que ha receios de que se dirijam para o nosso planalto do Humbe, de onde seria dificil desaloja-los.

Não tenho elementos para acreditar ou desmentir estes rumores, mas que alguma cousa se prepara e que parece indicar o pronuncio dum movimento definitivo de largo avanço ou posse de qualquer objectivo, não ha duvida. As nossas forças mais avançadas estão ainda a 20 dias da fronteira e toda essa distancia é precisamente aquela onde o gentio—Cuamata e Cuanhama—está revoltado. Todavia o melhor tempo está passando e depois seguem-se as quadras terriveis: a sêca e as chuvas, tornando-se por todas as razões inadiavel a realisação do que aqui nos trouxe.

Se o não fizérem, tudo isto redundará num verdadeiro desastre, numa grandissima vergonha. O caso agora não é disparar meia duzia de tiros na pretalhada—eterno bode espiatorio de tudo isto—e regressar á metropole armados em heroes conquistadores. A situação agora é outra e é absolutamente indispensavel que bem definida e assente fique—custe o que custar.

Segundo corre caber-nos-ha a vez de embrenhar-nos por esse sertão fóra; fala-se que pelo menos duas companhias do 18 marcharão por estes dias para o interior.

Será verdade?

Antes de terminar tenho que referir a imponencia e ruido das festas ao S. João e que excederam toda a espectativa, havendo iluminação á moda do Minho, no Jardim Publico, onde se exibiu superiormente a musica organisada por várias praças do 18; inauguração da bandeira nacional oferecida ao batalhão do mesmo regimento pelos oficiaes e sargentos, que foi içada pelo sr. major comandante, fazendo-se a devida continencia e respectivos toques com toda a solenidade, seguindo-se depois várias corridas: luta de tracção, desafio de *foot-ball*, corridas de bicicletas e motocicletas e concurso hipico em que tomaram parte muitos oficiaes, para o que se organisou um juri, etc.

A iluminação foi deslumbrante pela enormissima quantidade de balões, pois não houve soldado que não fizésse dois e tres.

Os bailes e descantes eram por toda a parte, cantando-se com verdadeiro entusiasmo—*a caninha verde, o regadinho* e tantos outros cantos genuinamente nossos, entoados em formidaveis córos, de mistura com amarguradas e sentidas recordações daqueles que á mesma hora seriam por aí elevados, no solo abençoado da Patria, junto dos entes queridos, que tão distantes estão!

E já lá vai o grande dia e atraz dele, outros e outros, nesta voragem do tempo que tudo leva e tudo faz esquecer!

Confirmam-se os boatos a que aludo, insistindo-se na partida do 18. Como o *Beira* é esperado por estes 4 ou 5 dias mais chegados, informarei os leitores do *Democrata*, se de facto se cumpre ou não cumpre a missão que aqui a todos nos trouxe.

Já não é sem tempo!...

A. B.

Apêlo atendido

A comissão de socorros a naufragos convidou já as viuvas dos tripulantes da *Africana* a apresentar os documentos indispensaveis para em seguida serem votadas as pensões para essas infelizes que se debatem na maior dôr acompanhada da maior miseria.

Registâmos o facto com os nossos agradecimentos ao ilustre capitão do porto e a todos quantos possam concorrer com o seu voto para que se minore a triste e aflitiva situação de tantas desgraçadas, a favor de quem erguemos a nossa voz, suplicando o auxilio, que humana e caritativamente, se lhes deve.

Ainda bem e embora não seja tudo alguma cousa é.

Notas mundanas

Consorciou-se no domingo com a sr.a D. Ofélia de Rezende, uma galante menina, nossa patricia, o sr. Manuel dos Santos Ferreira, filho do sr. José Augusto Ferreira, proprietario dum dos melhores estabelecimentos dêsta cidade.

Os noivos, a quem desejâmos todas as venturas de que são dignos, partiram para o Minho a passar a lua de mel.

✠ *Retirou para a Ribeira Grande, Açôres, o sr. Luiz Moraes, muito digno escrivão de direito naquêla comarca.*

✠ *Visitaram-nos esta semana os nossos amigos srs. Manuel Ferreira de Carvalho Afonso, de Requeixo; Manuel Marques de Carvalho, da Oliveirinha; José Martins da Rosa, Manuel Martins Capitão-Mór, Carlos Martins Magalhães, da Palhaça; José Simões Carrêlo, de Cacia; Manuel A. Ferreira Pires, da Povoa do Forno e Ventura Simões Aidos, de Agueda.*

✠ *Com curta demora está entre nós o ilustre senador, dr. Simão José.*

Veio de visita a seu irmão, sr. Antonio Felizardo e deve partir por estes dias a tomar assento no logar para que foi eleito por um dos circulos dos Açôres.

Afectuosamente o cumprimentâmos.

✠ *Vindo de Lisboa, acha-se a veranear na sua magnifica vivenda de Albergaria-a-Velha o sr. João Patricio Alvares Ferreira.*

✠ *Chegou de La Toja o nosso presado amigo e dedicado republicano aveirense, João da Cruz Bento.*

✠ *Encontra-se já na Costa Nova com sua familia o distinto pintor, sr. Artur Prat.*

TANTA DELICADÊSA..

Num periodico da localidade veio agora publicada uma directa referencia ao director do *Democrata*, cheia de correcção, em que o articulista, *arguto*, como os que o são, pretende vêr, logo á primeira, uma incoerencia no facto de Arnaldo Ribeiro desempenhar funções administrativas em Estarreja sem que ali tivésse residencia oficial, pois, acrescenta, *só ali vai... assinar o livro do ponto e naturalmente receber o ordenado no fim do mez, o que é expressamente contrario á doutrina tantas vezes advogada no seu jornal.*

Tinha razão, não ha duvida, o autor da catilinaria se assim fôsse. Mas não éra. Primeiro porque só **provisoriamente** o director do *Democrata* aceden a ir desempenhar as funções de administrador de Estarreja e portanto não podia ser obrigado a fixar residencia onde estava, além disso, por simples obsequio.

Esta circunstancia, contudo, não impeliu *sua ex.a* a deixar de cumprir com os seus deveres. Assim, ao contrario do que aleivosamente se quer fazer acreditar, o nosso director não ia **só** *assinar o livro do ponto e receber o ordenado no fim do mez*. Fazia mais, muito mais do que isso, talvez até mais do que qualquer administrador com residencia fixa na séde do concelho, porque chegava a estar sete horas consecutivas na sua repartição, a trabalhar, o que bem póde ser comprovado com o testemunho de todos os empregados.

Já vê o articulista que não respeitou, como devia, a verdade e que fazendo obra por simples conjecturas, isso o não honra nada antes prejudica a sua louvavel iniciativa ha muitos anos manifestada no levantamento do nivel da imprensa..

Com respeito a interesses o melhor é não falar nisso. Se toda a gente, todos os republicanos se *alimentassem* da Republica como nós, de ha muito que teriam espichado o canêlo com fome. Eles e a familia, se a tivéssem.

No entretanto alguem aparece, sem escrupulos, a confundir o que a propria razão esclarece, pois que a nossa qualidade de republicanos *desinteressados* não exclue, o que seria um contrasenso, a prestação de serviços ao regimen, quando necessarios, salvo se o individuo de republicano apenas tem o nome e é dum comodismo tal que só pensa em si, julgando ser isso o bastante para consolidação das instituições e progresso do país. Até parece impossivel que haja *jornalistas* que tal suponham e se abalancem a escrever assim, a não ser que confiem demasiado na estupidez de quem os lê...

Em conclusão: pelo nosso director jámais pedido algum foi feito para exercer as funções de administrador em qualquer concelho do distrito. Solicitado para, *com urgencia, sem demora* ir numa missão delicada a Castélo de Paiva, quando, *pessoalmente* nada lucrava com isso, obrigou-se á massada, deixou os seus trabalhos e partiu, sendo a coisa mais natural do mundo que lhe pagassem o transporte, que mais não aceitava, visto os seus parcos recursos lhe não permitirem gastar com a politica mais do que lhe tem dado em dinheiro e sacrificios de toda a ordem. Não aconteceu, porém, assim; mas nem por isso alterou a sua linha de conduta, arrostando com o pesado encargo que lhe acarretou o desejo de ser util ás novas instituições, ás quaes tem responsabilidades ligadas por ter ajudado a implantar, sem recriminações nem agravos.

Depois foi nomeado administrador de Estarreja, tambem em circunstancias especiaes. Lá esteve, lá cumpriu conforme poude e soube a missão de que o encarregaram, tendo retirado com um saldo de 60 centávos, segundo as contas minuciosamente feitas já de proposito para atirar á cara dos pulhas que nesta terra só se comprazem em deturpar todas as bôas intenções.

E aqui está como fica reduzida a tão minusculas proporções o pedaço de prosa que *alguem* encomendou para nos confundir—*tadinhos!*—e que, com tanta doçura, com *tanta delicadêsa*, veio a lume ao raiar da bêla aurora do ultimo domingo...

Valeu a pena?..

OFICIAES MILICIANOS

(Retardada)

Sr. Redactor

Um dos projectos de lei apresentados pelos srs. Pereira Bastos e Sá Cardoso, sugére-me algumas considerações despretenciosas, e sem o intuito de desprimôr para com os ilustres oficiaes, e muito menos o de *polemica*, que a minha nenhuma proficiencia, nem a minha situação oficial me consentiriam. No entanto não posso calar a minha magua por mais uma vez se constatar que o quadro dos atuaes oficiaes milicianos nem uma referencia, sequer, merece. Perdão: merece, pelo que respeita a *obrigações*, porém, com relação á mais pequena garantia, não.

As acções valem pelas intenções, e eu avalio que a dos ilustres apresentantes foi a melhor, ao redigirem a, *infelizmente*, necessaria disposição do art.º 5.º, do 1.º projecto, em que se determina, «que aos alferes milicianos *que fôrem* promovidos a este posto depois da publicação da presente lei, será abonado, por uma só vez, para os auxiliar na *aquisição de uniformes*, armamento e equipamento, uma ajuda de custo de 100$00.» E', *infelizmente*, necessaria, repito, mas é profundamente injusto. Parece paradoxo; mas se não vejâmos: aos oficiaes milicianos, que entram, todos os carinhos, todas as facilidades, mas para os atuaes? Quem lhes pagou os seus uniformes de campanha, armamento e equipamento? No entretanto eles tivéram de apresentar-se devidamente uniformisados e equipados quando da primeira convocação para as escolas de repetição, como era clara e expressa a lei, cuidadosamente transcrita nas convocatorias.

Quem estas linhas escreve, bem como a outros de cérto aconteceu, chegou ao fim da primeira escola de repetição com o lucro apenas de 5$00 e qualquer coisa, e comprando apenas os artigos de uniforme indispensaveis, taes como um fato, capacete, bonet de bivaque grévas, botas do padrão etc., mas nem sequer podia, nem póde pensar em adquirir equipamento, servindo-se com um **emprestado**.

E' rude a franquêsa, mas é verdade, e é esta a situação em que se encontra o oficial miliciano atual, a não ser que tenha rendimentos proprios.

Mas quem tenha só o encendrado amor patriotico de pretender ser util ao seu país em qualquer campo que se encontre, e aproveitando, para isso, ainda que seja o mais pequeno ensejo que se lhe proporcina, não tem remedio senão ficar com a vontade, pois que das instancias superiores o que póde esperar, se nada até hoje lhe teem dado? De nada precisou, note-se, para que o meu entusiasmo patriotico seja sempre quente; mas é desconsolador vêr-se só impôr obrigações, não se facultando, *na medida possivel*, os meios para com dignidade elas se cumprirem.

Pensaram talvez os ilustres proponentes que não havia necessidade de olhar para o atual quadro de oficiaes milicianos, visto ele quasi não existir, atenta a enorme debandada, traduzida nas inumeras demissões requeridas? Se tal pensaram, enganaram-se, porque ainda ha quem não deserte e fique pronto a dar da melhor vontade á Patria o que ela lhe venha a pedir, como alguma coisa já lhe teem dado, de cérto pouco, mesmo nada, mas tanto quanto possivel dentro da sua vontade, da sua energia e proficiencia, como da melhor bôa vontade lhe dará a propria vida, em qualquer campo, ainda o mais arriscado.

Ainda o atual projecto só impõe obrigações, sem conceder a mais pequena vantagem aos atuaes alferes milicianos, dispondo no seu art.º 6.º que anualmente serão convocados para as escolas de recrutas até 300 desses oficiaes.

Esta disposição é necessaria e de todo o ponto util, como nas minhas palestras sempre tenho defendido, pois é a unica maneira de oficiaes milicianos praticarem e apresentarem-se decentemente á frente das unidades, entregues ao seu comando, e escusado será encarecer a utilidade dum oficial em taes condições, nas suas relações para com os seus subordinados. Mas esta disposição mais vem realçar a injustiça do art.º 5.º. Para o subsidio só se conhecem os futuros milicianos, para o serviço não se faz distinção entre os atuaes e futuros!

Poderão argumentar que a lei não tem efeito retroativo e por isso não póde aplicar-se as vantagens *a conceder*, aos oficiaes atuaes.

A meu vêr há um meio no proprio projecto. Seria o promover os atuaes oficiaes milicianos que tivéssem dado algumas provas, quaesquer que fossem, de onde se avaliasse a sua proficiencia e *bôa vontade*, e que tivéssem mais de 5 anos de promoção, ao posto imediato. Porque o soldo e gratificação a que se refere o § 1.º do art.º 6.º seriam maiores, e assim, até cérto ponto, equivaleria ao subsidio concedido no art.º 5.º.

Pedindo desculpa de vos tomar tanto espaço, com os meus agradecimentos, subscrevo-me

Aveiro, 3 | 7 | 915.

Um alferes miliciano

COMUNICAÇÃO

—=(*)=—

Inserimos a pedido da Academia de Sciencias de Portugal esta carta recebida na segunda-feira:

Ilustre e Presado Confrade

Prevenidos por cartas e jornaes estrangeiros, de que a Academia das Sciencias de Lisboa dirigira a todas as Agremiações sábias de diversos países, directamente, uma circular, sem visos de verdade e ocultando-a por isso á imprensa e á opinião portuguêsa, cumpre-me, á vista de tão deploravel documento, categoricamente declarar;

1.º Que a designação *Academia de Sciencias* não é propriedade exclusiva de nenhuma instituição scientifica, por pertencer legitimamente a todas as que visarem o progresso do saber, por via de uma selecção de competencias especialisadas, e obedecendo a um plano em que o mesmo saber esteja sistematisado e tenha objectivo social, condições essas a que satisfaz plenamente a **Academia de Sciencias de Portugal,** cujos titulos e Estatutos foram aprovados, por decreto de 26 de outubro de 1910, publicado no *Diario do Govêrno* do dia imediato;

2.º Que não ha motivos para se darem confusões entre as duas Academias, porquanto a **Academia de Sciencias de Portugal** participou a sua constituição e fins a todas as congeneres estrangeiras, quando lhes enviou o Tomo I dos seus *Trabalhos*, tendo recebido délas as suas publicações, sem quebra do envio para a outra Academia;

3.º Que a **Academia de Sciencias de Portugal** é tão oficial como a Academia das Sciencias de Lisboa, pois não só essa qualidade está expressa no artigo 1.º da sua *Legislação*, publicada no *Diario do Govêrno* (1 série) de 13 de maio de 1915, como tambem, da mesma fórma que éla, tem casa propria dada pelo Estado, tem as publicações custeadas pelo mesmo Estado, possue delegados na Junta das Bibliotécas, no Conselho Teatral, nos Juris artisticos, e gosa, a mais do que éla, das seguintes prerogativas:

a) Estar representada em todas as comissões de estudo, em cuja nomeação intervenha o Ministro de Instrução Publica, e delegações de Portugal aos Congressos scientificos internacionaes (art. 3.º da citada *Legislação*);

b) Ser a sua correspondencia considerada como oficial (art. 10.º da citada *Legislação*);

c) Ter a função de orientar a opinião publica e os organismos dirigentes, no estudo dos problemas que mais interessam ao país (art. 11.º da citada *Legislação*), sendo ainda Corpo consultivo do Senado Municipal de Lisboa, que, por esse motivo, a subsidia;

4.º Que a admissão na **Academia de Sciencias de Portugal** é tão rigorosa como na outra Academia, pois, nos termos da referida *Legislação, o titulo de Vogal só póde ser conferido aos autores que tenham revelado notavel mérito intelectual* e o de Correspondente só póde ser conferido aos *autores de distinto mérito*, exigindo-se ainda outros predicados que não figuram nos Estatutos da Academia das Sciencias de Lisboa;

5.º Que as unicas diferenças existentes entre as duas Academias, são além das citadas prerogativas que a de Portugal tem a mais, esta ter todos os seus cargos **gratuitos,** diferença que tambem lhe é favoravel, pois, assim, a sua obra significa desinteresse, o que a prestigia ainda mais, nos tempos de utilitarismo que vão correndo;

6.º Que tanto as duas Academias são compativeis, que **pertencem a ambas** muitas das principaes mentalidades portuguêsas, como são os srs. dr. Teofilo Braga, venerando presidente da Republica e presidente perpétuo da Academia de Sciencias de Portugal; dr. Lopes Martins, ministro de Instrução Publica; general Schiapa Monteiro, segundo presidente da Academia; dr. Antonio Cabreira, secretário perpétuo; Mélo e Simas, presidente da Secção de Cosmologia; dr. Betencourt Ferreira, presidente da Secção de Biologia; dr. José Pedro Teixeira; dr. Ferreira da Silva; dr. Costa Lobo; dr. Julio Dantas; Joaquim Bensaude; dr. Anibal Betencourt; dr. Baltazar Osorio; dr. Curri Cabral; dr. Gama Pinto; dr. Silva Amado; dr. Julio Henriques; dr. Moreira Junior; dr. Costa Sacadura; dr. Betencourt Rodrigues; dr. Leite de Vasconcélos; dr. Alfredo Bensaude; almirante Hermenegildo Capelo; dr. Ricardo Jorge; Anselmo de Andrade; D. Luiz de Castro; Anselmo Braancamp Freire; dr. Coelho de Carvalho; dr. José de Figueiredo; dr. Alfredo da Cunha; coronel Esteves Pereira; dr. Xavier da Cunha; dr. Ferreira Deusdado; dr. Bernardino Machado; general Brito Rebelo e dr. Maximiano de Lemos;

7.º E finalmente, que os serviços da **Academia de Sciencias de Portugal** á sciencia e á Patria teem sido de tal maneira notorios que já foram consignados no decreto de 26 de outubro de 1910 e no parecer da Comissão de Instrucção do Senado da Republica, aprovado por esta Câmara em sessão de 5 de março de 1912.

Rogando-vos o especial favor de dar a maxima publicidade a esta legitima defêsa e honrada informação, apresentá-vos a expressão do mais profundo respeito e elevada consideração, como vosso

Confrade Mt.º At.º Vendr.

Levi Bensabat

Segundo Secretário

O DEMOCRATA

Vende-se em Aveiro no kiosque de *Valeriano*, Praça Luís Cipriano.

Tumultos

Por causa da chamada *questão do Douro* houve em Lamego grossa pancadaria em que teve de intervir a força armada, dando-se entre ela e os amotinados conflitos de tal natureza gràves que se registam até agora 14 mortes e avultado numero de feridos alguns dos quaes não escaparão. Entre aqueles figura um individuo de nome Pascoal Samégo, muito conhecido em toda a região por haver entrado nos movimentos realistas contra as instituições de que nunca foi adepto.

Ha quem afirme que estes acontecimentos tivéram o seu quê de politicos, mas a tanto não podemos nós avançar se bem que a noticia espalhada no estrangeiro ha tres para quatro mezes, de haver rebentado uma revolução separatista em Lamego, nos indique alguma coisa nesse sentido.

O governo tomou imediatamente as necessarias providencias afim de evitar a repetição de scenas eguaes á désta semana.

"A AGUIA"

Distribuiu-se ontem o n.º 43 desta revista mensal portuense, superiormente dirigida por Teixeira de Pascoaes e Antonio Carneiro, que á literatura e arte teem dado o melhor do seu esforço intelectual.

Eis o sumario:

Literatura—*Segredo*—Visconde de Vila Moura. *A Amante do Senhor Concy*—soneto de Gomes Leal. *Uma carta a dois filosofos*—Teixeira de Pascoaes. *Maria*—quadras de D. Maria da Gloria Teixeira de Vasconcelos. *Do Amor, da Belêsa e da Vida*—Ronald de Carvalho. *Santos da Ausencia*—Augusto Casimiro. **Arte**—*Minhota* (ilust.)— Saavedra Machado. *Sorriso* (ilust.)—Antonio Carneiro. *Casa de Moleiro* (ilust.)—Pedro Duarte da Costa. **Sciencia, filosofia e critica social** — *Colonisação, climas e linguas*—I)—Afonso Cordeiro. **Notas e comentarios**—*Da ditadura á suspensão dos direitos politicos*—Raul Proença. **Bibliografia**—V. M., A. S., e da Redacção.

Pedimos aos nossos assignantes que nos avisem sempre que mudem de residencia afim de que o jornal se não extravie e portanto o não deixem de receber.

Director do correio

Acha-se à frente dos serviços telegrafo-postaes do distrito o sr. Ernesto Caldeira dos Prazeres, antigo funcionario daquéla repartição e muito conhecido em Aveiro onde já o encontrámos na mesma casa que hoje dirige.

Oxalá que só tenhâmos ensejo de o louvar durante o tempo que se conservar entre nós.

Afogado

No rio Agueda pereceu afogado quando se banhava o engraxador João Fernandes da Silva, casado, de 34 anos e pae dum unico filho que era todo o seu enlevo. Era natural da Quinta do Picado, deste concelho, sendo a sua morte muito sentida devido ao exemplar comportamento que possuia.

Carreiras para a Costa Nova

Chegou ontem a esta cidade, vindo da Guarda, um auto-omnibus Berliet, de 22 H P, com que o sr. José Sebastião de Almeida, seu proprietario, vai iniciar dentro em bréve carreiras diárias para a Barra e Costa Nova mediante um preço rasoavel, acessivel a todas as bolsas. Ontem mesmo fez o auto uma magnifica viagem á Costa, com 12 pessoas, para a qual nos foi dirigido amavel convite, fazendo-se o trajecto com a maxima rapidez e relativa comodidade.

E' de esperar que os passageiros o prefiram a outros meios de condução.

O odio.. verde

Alguem indica-nos o ultimo n.º do *Camaleão* onde veem publicados os nomes dos jurados criminaes e ao mesmo tempo pergunta porquê é que terìa sido iliminado o do nosso director, que tambem foi sorteado e portanto faz parte da pauta.

Pois porque havia de ser? Não sabe o correspondente que os *dramaticos* andam agora com a monomania da *irradiação*? Aquilo foi um gosto. Inofensivo, como tudo quanto parte desses republiqueiros, mas um gosto.

Coitados! Tão despresiveis que até metem dó.

Festivaes

Agradou imenso, pela novidade, o que domingo ultimo se realisou na cêrca do extinto convento de Jezus promovido pela Companhia dos Bombeiros Voluntarios.

Nos dias 1 e 15 de agosto outros terão logar no mesmo local, com numeros novos, esperando a comissão a vinda da Tuna de Esgueira para abrilhantar o primeiro, visto ter acedido ao convite que para esse fim lhe foi dirigido.

Saráu-concerto

Realizou-se no ultimo sábado no teatro désta cidade a anunciada estreia da *troupe Talabriga*, tendo sido executados todos os numeros constantes do programa, na presença de espetadores, que preencheriam meia casa.

Excéção dum novo elemento, todos os outros eram já mais ou menos conhecidos do publico, que, como nós, acreditava nos indispensaveis progressos e estudo justificativos da sua aparição, nas anunciadas condições dum *saráu-concerto*. Evidentemente dignos do maximo louvôr quantos iniciem festas désta ordem, é, contudo, preciso que délas haja a completa compreensão não se esquecendo imperdoavelmente a execução de partes componentes e indispensaveis para a realisação de espetaculos daquéla natureza assim como o reconhecimento consciencioso dos merecimentos e valor que correspondam á responsabilidade no desempenho que a cada um caiba, a não ser que se pretenda ludibriar o publico. Falâmos assim porque nunca nos coube dizer o que o coração não sinta nem a razão aplauda. O *saráu-concerto*, como lhe chamaram, deixou imensamente a desejar, incluindo até a sua parte principal, que podendo obter um conjunto muito mais agradavel e indispensavelmente artistico, ficou em exclusivo entregue á maravilhosa aptidão do executante que só esse predicado foi, contudo, mais que suficiente para ouvir justos e quentes aplausos. Referimo-nos aos numeros que coubéram ao violinista Manuel Calado para quem não houve um piano, nem uma simples orquestração a acompanha-lo para melhor harmonisar a sua belissima execução.

Tanto esta imperdoavel deficiencia como muitas outras trouxeram-nos o convencimento de que não assistiu, á organisação do espetaculo, como indispensavel era que assistisse, uma orientação demonstrativa do conhecimento artistico de festas désta ordem. Lembrou-nos logo o sr. Freitas... o Freitas... o Acacio... o Acacio Freitas, com a falsa convicção dos seus merecimentos de pensador, erudito e... filosofo!

Poderá alguem julgar que o caso, por si, não mereça estas simples e delicadas considerações, mas, amigos de todos os interessados, julgâmos bem melhor apontar-lhe as deficiencias e a realidade das cousas, do que envenena-los com a lisonja e a adulação de tão perniciosos efeitos. E de mais: *quem se sujeita a amar, sujeita-se a padecer*—lá diz o velho e verdadeiro adagio.

Se entre os amadores encarregados do canto houvésse mais ou menos igualdade de voz, uma aproximação sequer de recursos, não se tornaria tão notavel a diferença entre os dois executantes que, naquélas condições de alternado confronto, mais se salienta dando ao espetador, o mais leigo, a nota do desprazer. E como se isto não bastasse, ainda Aurelio Costa, em vez de procurar quanto e melhor coubesse dentro dos seus minguados recursos vocaes, que lhe não permitem subir tão alto, escolheu para si trechos que implicam como unica parte do seu merecimento, dificeis exercicios de vocalisação, que a sua garganta lhe não assegura realizar, porque não póde e por isso não é culpado, bem entendido.

O sr. Aurelio Costa deve limitar-se a procurar musicas harmoniosas de facil modulação, para as quaes cheguem as suas aptidões, que as tem, como lhe sucedeu na execução do programa referido, confronto feito entre a *valsa triste*, unica cousa que regularmente disse, e a romanza — *Cielo e mar* —onde o executante se afogou sem salvação possivel.

O sr. Lé, que dispõe de escola e de recursos vocaes, cantou bem a sua parte, especialmente a *balata* do Guarani, que é na sua composição, um belo e harmonioso trabalho.

No *fado das lagrimas*, distanciou-se imenso do canto do seu autor, o saudoso e inegualavel Manassés, que o sr. Lé não ouviu, por certo, mas que poderá ouvir ainda, querendo.

O sr. Lé disse a musica do fado, mas não o cantou.

Os recitativos foram mal escolhidos e talvez por má disposição do sr. Coimbra Flamengo, que sabemos está sofrendo os efeitos de febres tropicaes. Faltou-lhe alguma cousa que poderia atenuar a mal cabida escolha.

Guardámos para final as referencias que nos merece o simpatico artista—cabe-lhe esta classificação—Manuel Calado, na parte que lhe foi distribuida, em violino.

Ainda que criminosamente desacompanhado, ele arrebatou-nos no desempenho do primeiro numero—*Serenata de Kubelik*—onde evidenciou brilhantemente a facilidade e notavel mestria da sua execução, arrebatamento que subiu de ponto ouvindo-se-lhe a *Scéne de Ballet*, de Birot, com a qual o distinto musico enebriou a assis-

as recriminações contra o *Mijarêta*, traduziam, duma fórma transparente, um conceito deprimentíssimo sobre a capacidade politica e moral do Jaime Silva, a quem sistematicamente pretendiam arredar da chefia do movimento para o que—dizia-se—não tinha categoría.

O Jaime bem sabia isto! E irritadissimo, trovejando indignações, ouviam-se os seus gritos entre as paredes, ali para os lados do Hotel Universal.

E desvairadamente, numa situação agitada, de nervos e raivas, arquitetava terriveis represálias. Ele os ensinaria, patenteando o valor da sua energia pessoal, orientando e levando a cabo um plano de recursos quixotesco e imbecil: á frente da *Coluna Negra*—os homens de S. Pedro da Cova, que teriam a dirigi-los, militarmente, um oficial que andava para casar com a filha do sr. Sá Lemos—iria levantar as guarnições de Amarante e Penafiel, onde contava com apoios fortes e garantidos, com os quais caíria, de surprêsa, sobre o Porto.

A grande operação de efeito serìa a tomada das baterias da Serra do Pilar pelo assalto das fôrças referidas, que o pessoal civil, arregimentado pelo Abel dos Santos Ferreira, viria engrossar e animar!

VENHA O FRAGOSO!
AQUI DE FRAGOSO!

Por isso, no documento que o leitor vem de apreciar, que o *Mijarêta* assinava com um dos pseudónimos habituaes—*Santelas*—se instava pela rápida remessa de todo o armamento restante, pela vinda, para o Porto, dos 12 scelerados que o Caminha oferecera e—suprema solução! decisivo golpe! culminantissimo acontecimento!—pela entrada do Azevedo Coutinho, conhecido na prudente nomenclatura por que entre si se designavam, pelo nome de *Fragoso*.

Indicava-se a noite de 30 de Setembro para a entrada soléne do famigerado caudilho. O homem já estava em Vigo,

vejam, sintam, confessem, quanto foram injustos e levianos e com quanta elevação sofreram a sua dôr todos os que hora a hora, noite a noite, dia a dia, vigiavam a vida da Republica e a propria vida deles, ameaçada, condenada pelos *complots* monarquicos e cuja sentença estava a cargo dum grupo de bandidos!

O perigo que todos nós corremos! A injustiça que todos nós sofremos!

E afinal a hora da Justiça chegou. Deixem que a gosem felizes e altivos os grandes injuriados!

Por que era tudo verdade! Foi verdade o *complot* da praia das Maçãs, o 21 de Outubro foi um facto averiguando, provado e, mais do que isso, documentado!

Mas é assim. Foi assim, acabou-se, e não vale agora invectivas, nem serìa digno de nós fazermos contas quando a Justiça inflexivel e serena nimba ás frontes dos patriotas, com o seu diadema de Luz e de Verdade!

E vamos á historia.

PORQUE ERA CÉRTA A CONTA DAS PISTOLAS

A qual historia diz hoje que mais 36 pistolas foram recebidas em Lisboa e que, com o Avila Lima e o Vitor Claro, apareceu um novo personagem, conspirador da intimidade do irmão do Avila, companheiro inseparavel e activo agente aliciador, manobrando por conta da firma fraternal Avila Lima & Irmão, a qual usava o pseudonimo comercial de *Taylor & C.ª*.

Este novo personagem, que no desfiar dos acontecimentos nos surge, é o primeiro sargento cadete de cavalaria n.º 4, João Gomes Valente de Almeida.

Averiguou-se que efectivamente na mesma casa e andar da Rua Augusta n.º 166 1.º, e a que já nos referimos, funcionavam em certa dependencia os *negocios desta importante firma comercial*.

tencia, que o aplaudiu com verdadeiro e justo entusiasmo.

Por deferencia executou ainda um dificil estudo e uma composição denominada— *O Saltadinho*— revelando ainda os seus especiaes conhecimentos e execução. A esse simpatico moço, que tem para nós o merecimento de evidenciar a sua modestia na razão inversa do seu reconhecido valor, estará por certo reservado um lugar de destaque na galeria das celebridades musicaes, se não desmerecer na aplicação e no estudo que lhes são ainda absolutamente indispensaveis.

Aqui o felicitâmos pelo valor dos seus merecimentos como o aplaudimos pelo brilho da execução dos seus numeros no *sarâu-concerto*, fazendo votos para que a ocasião nos proporcione ensejo de o ouvir e aclamar muitas e muitas vezes.

TRUST DO SAL

Volta a falar-se na formação duma companhia, com séde no Porto, para a compra de todo o sal produzido tanto em Aveiro como na Figueira, tentativa esta que foi iniciada o ano passado mas que não teve proseguimento por falta de concordancia de alguns proprietarios de marinhas.

Vamos a vêr agora.

Agradecimento

Carlos Mendes vem por este meio agradecer a todas as pessoas que se dignaram aceder ao seu convite para visitarem a igreja da Gloria, enquanto esteve exposto o seu *panneau*, e pede desculpa de qualquer omissão involuntaria, havida, o que não admira, visto o limitadissimo numero de convites que fez.

Aveiro, 22 | 7 | 915.

JUNTA DO CREDITO PUBLICO

Inspecção de Finanças do distrito de Aveiro

Entrega da nova folha de "coupons,, para titulos de divida interna consolidada

Para conhecimento dos interessados se faz publico que, durante o proximo mez de agosto, serão recebidas nas Inspecções de Finanças dos distritos do continente e ilhas as requisições para a entrega, nas sédes dos distritos, das novas folhas de *coupons* para os titulos, dessa natureza, de divida interna consolidada.

Os portadores dos titulos terão de preencher os impressos adoptados, conforme o capital dos titulos para que pedirem a nova folha de *coupons*, apresentando nesse acto os rostos dos titulos respectivos, simplesmente para conferencia.

A entrega das novas folhas realisar-se-ha oportunamente, sendo anunciada com a necessaria antecedencia.

Secretaría da Junta do Credito Publico, 19 de Junho de 1915.

Pelo Director Geral

(a) **Alfredo M. de Avelar Teles**

Pois estes ultimos 36 pistolões ficaram sob a guarda dos srs. *Taylor & C.ª*.

Trinta e seis... quarenta e oito... Era esta sempre a quantidade cérta, ao que se tem visto, e cértamente os leitores precisam saber como é que se repetia a mesma dóse, tal qual como fórmula farmaceutica duma e mais onze, e a razão por que vinha sempre conta cérta.

Vamos dizer-lho:

Os *atados* e *colaretes* a que se refere a carta do Carneiro, de Tabajon, eram uma espécie de cintos feitos dum pano fino e resistente, os quais envolviam o portador, preparados e cosidos em Espanha. Eram muito comodos, facilmente portáteis e serviam para duas quantidades cértas: 36 e 48.

Eis porque era sempre conta cérta a remessa das pistolas.

REBENTA A BEXIGA!

Ora neste vai de pistolas e desejos de carabinas se iam passando os dias, dias bem ganhos, por sinal, sem que nada perturbasse a actividade dos conspiradores.

De repente, porém, os nossos correligionários notaram que os conspiradores andavam desesperados, fulos, insuportaveis. Danados garantia um. *Andam danadinhos, filhos!*

Chegámos agora a um dos pontos culminantes da nossa narrativa. E' um capitulo emocionante, cheio de episodios bizarros, bordando a nota principal, de efeitos acessórios de uma curiosa e interessante série de pormenores curiosissimos. A audácia, o arrôjo, ligam-se ás situações grotescas de um imprevisto de humôr caricatural que os leitores muito apreciarão.

Era um caso grâve, gravissimo! Era o Jacinto, o raio do Jacinto, que trazia os conspiradores apopleticos, furiosos, danados! Estaláva a bexiga, isto é, estava tudo em pratos limpos! Entre manuelistas e miguelistas, rebentáva, enfim, um estrondoso rompimento!

Os *trucs* do Jaime Silva, do Cecioso, do Constancio e

do Moreira de Almeida para vencerem a astucia do Jacinto, fracassaram. Os miguelistas comeram a isca e... deixaram o anzol. Andava tudo pelo *pó do gato*. Era um inferno. Chamemos-lhe a *Danação do Mijarêta!*

Os nossos, intrigados ao principio, riram depois. Excelente coisa essa! Tal qual a historia muito correcta do Padre Patagónia, tal qual!

E, então, o Jaime Duarte Silva envia ao reitor do Caminha a grâve noticia do formidavel acontecimento. Ora leiam:

> *Conde que previna já que houve traição militar no Porto, tramada por Correia da Silva e General J. traição que felizmente causou só o esfacelamento da organização militar, mas este inteiro. Que, todavia, me parece não faz retardar o movimento, e nesta ordem de ideias é preciso que entre rapidamente todo o armamento. Que a carta dele me foi ontem entregue muito tarde, e que a resposta foi do Melo. Pequeno vai melhor. Sendo cérto que não leva o praso todo.*
>
> **Santelas**

> *O Fragoso deve estar com o companheiro Gouveia, ás 10 horas da noite de 3.ª feira, sem falta. E' preciso, ainda por motivos da traição que venham absolutamente bem disfarçados.*
>
> *Comunique a D. José del Castilho, Salamanca, a traição, que eu para aí explicarei, em relatorio, brévemente.*
>
> *E' preciso que os nossos homens, absolutamente disposto a tudo, estejam no Porto até 25.*

Calculem os leitores, pois, o que ía pelos conspiradores. Esse documento mostra, duma maneira clara, o estado das coisas, a irritação e a confusão que dominava nos meios conspirateiros-manuelistas!

O JAIME PROCURA VINGAR-SE—UM GRANDE PLANO

Nos meios conspirateiros afectos á causa do sr. D. Miguel de Bragança—atualmente em guerra com os aliados—

O Democrata, vende-se em Lisboa na *Tabacaria Monaco,* ao Rocio